

**O *free jazz* de Koreyoshi
Kurahara: uma breve
anotação sobre
*Kuroi Tayô***

Por Lucas Jeison

Foi nos anos 60 que Coltrane, Mingus, Thelonious Monk e tantos outros iriam encontrar na dissonância e na selvageria sonora um caminho para a liberdade - seja para um encontro com a ideia de Deus (Coltrane), para a transgressão dos limites do instrumento (Max Roach), para a afirmação de sua raça e para seu posicionamento no mundo, na história.

Pode se dizer que o cinema de Koreyoshi Kurahara durante a mesma década também trilharia os caminhos da liberdade. Diferente da dos negros americanos, mas de matriz semelhante: o deslocamento do jovem japonês, universal e tão afeito a uma época onde o preto e branco era o tom da vida, antes da chegada das cores da lisergia e das utopias escapistas. *Kuroi Tayô* (*Sol Negro*, 1964) é um filme manifesto de uma busca tortuosa e de uma visão de mundo: a instabilidade da câmera, a inquietude literal do cinema de Kurahara é a mesma dos personagens, do fluxo da vida e do improviso do jazz mais radical pós Charlie Parker.

Akira é o vagabundo, jovem sem teto e sem lei, o antiadulto trabalhador. É ele quem vai roubar os homens que trabalham em meio a destroços e pedaços de nada - os primeiros planos do filme são o registro de uma câmera

bêbada que vasculha e trilha esses caminhos de cacos e restos... É o que sobrou da esperança de uma juventude. O único caminho possível é o do som; a alegria temporária de Akira virá com a compra do LP de Max Roach, que mesmo depois de quebrado acidentalmente será a trilha do improviso de vida que é registrado. Sonhos como casa e família são substituídos pelos pôsteres e discos de Mingus e Sonny Rollins, por um cachorro amigo chamado Monk e por um lar erguido sobre os escombros de uma igreja abandonada, terreno para o convívio de homens sem alma.

E há a presença do outro, do estranho, do forasteiro, de um homem negro: questões de alteridade. Quando, em seu quarto improvisado, Akira irá encontrar um homem parecido ao de seus heróis dos discos, a vida parece sorrir não fosse um grande problema de comunicação. Gill, o soldado negro que está fugindo por ter matado um homem não é tocado por aquilo que chamam de linguagem universal, nem pela ingenuidade extrema de Akira, que imagina estar de frente com um Miles Davis. A arma de Gill não é metafórica, sua dor é real. As gags e a tentativa de ambos em conseguirem se expressar tem sua comicidade atenuada pelo aspecto trágico: um homem com medo pode tornar-se violento, pode matar um cachorro amigo. "Negro!" gritará o japonês, amargando não ter

conhecido alguém que tocasse trompete, que compreendesse sua admiração por um outro idealizado. Assim, o cinema de Kurahara nos coloca no lugar do estranho em um plano onde todos são estranhos. Não existe linguagem universal pra além da imagem do desespero. Nesse sentido, o filme é explícito: a dor é percebida pela perna baleada e sangrenta de Gill e o ódio só aparece após a morte do cachorro Monk. O sentimento nasce da imagem.

A vingança nasce do improvável paradoxo fulleriano: o japonês que quer ser negro irá humilhar e tentar embranquecer aquele que trai sua expectativa; fãs da música negra que irão ser insensíveis a ridicularização de quem não é um jazzista. Mas há espaço para a reconciliação, sobretudo quando o homem sem meta percebe que ajudar o forasteiro pode ser uma meta, um tributo pra além dos roubos de carros e dos discos velhos. E para o soldado que, após tocar trompete enquanto é zombado por nativos que se espantam com sua pele pintada de branco, se reafirmará como um homem negro. As imagens evocadas enquanto rascunha uma melodia (mortes, racismo) irão lhe despertar e assombrar os que assistem o triste espetáculo. E depois, na beira de um rio fedido,

evocará musicalmente seu passado, lamento de uma dor ainda latente.

Mas dentro de um cinema desconjuntado, de um ponto de vista protopunk sobre a juventude perdida, somos livres para estranhar, olhar, viver. O sentimento de amizade e solidariedade nascerá do sangue e da sujeira, mas também da compreensão - quando Akira finalmente descobre o nome do forasteiro (Gill) e quando esse entende que o outro, enfim, pode lhe ajudar. Da descoberta, o crescendo de uma improvisação coletiva (quando o disco vai chegando ao fim e os músicos radicalizam a sonoridade e já recusam qualquer melodia que traga de volta o tema original): a perseguição policial e a descoberta para Gill de que a única saída para a liberdade é o mar. E para Akira, que nunca teve metas, ajudar o outro a encontrar o caminho para o fim é uma missão a ser cumprida. Coerente em sua ética de “viver por viver”, não interessa-se por seu futuro.

Assim como as viradas de bateria de Max Roach e os vocais engajados de Abbey Lincoln, *Kuroi Taiyô* é pra ser sentido em alto volume - pois esses sons dizem muito sobre aquele mundo, aqueles corpos e almas. Ir além, eis um dos temas do filme, cuja única saída apresentada é a de se seguir em direção ao sol pra quem sabe um dia se cair no mar, o final e o começo de tudo.

A Universidade Estadual do Paraná (Unespar) é uma Instituição de Ensino Superior pública e gratuita, com sede no município de Paranavaí, criada pela Lei Estadual nº 13.283, de 25 de outubro de 2001, alterada pela Lei Estadual nº 13.385, de 21 de dezembro de 2001, Lei Estadual nº 15.300, de 28 de setembro de 2006 e pela Lei Estadual nº 17.590, de 12 de junho de 2013. Está vinculada à Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI).

A Unespar constitui-se em uma das sete universidades estaduais públicas do Paraná, abrangendo sete *campi* e a Escola Superior de Segurança Pública da Academia Policial Militar de Guatupê, unidade especial, vinculada academicamente à Unespar.

O quadro de servidores é composto por 1.077 pessoas que atendem mais de 12 mil estudantes em cursos de graduação e pós-graduação.

Possui 67 cursos de graduação, 15 centros de áreas, 19 cursos de pós-graduação *lato sensu* e três programas de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado. O ingresso na Unespar acontece via vestibular realizado uma vez ao ano e também pelo Sistema de Seleção Unificado (SiSU). Das vagas existentes, 50% estão reservadas para o SiSU, exceto aos cursos de artes que exigem teste de habilidade específica, e a outra metade pelo modelo tradicional de seleção.



67 CURSOS

7 CAMPI

Apucarana

Campo Mourão

Curitiba I

Curitiba II

Paranaguá

Paranavaí

União da Vitória



UNESPAR

Universidade Estadual do Paraná